

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O PopularClass.: 132Data: 14.03.90

Pg.: _____



Os krahôs querem caminhar com suas próprias pernas

Krahôs buscam ajuda, mas sem paternalismo

Os índios Krahô estão de volta a Goiânia e desta vez vieram tentar conseguir recursos - sem o auxílio direto do homem branco - para amenizar a situação de miséria em que se encontram suas nove aldeias. Para tanto, os Krahô estão promovendo, pela primeira vez, um show reunindo música, dança e artesanato típicos de sua nação.

Ontem, às 21 horas, no bar Laititude 2000, que fica na praça Tamandaré, os Krahô, Hore e'K honk, apresentaram-se ao lado de músicos e artistas plásticos goianos. Hoje, também às 21 horas, no Centro Cultural Martim Cererê, será exibido o vídeo "Krahô, os Filhos da Terra", de Luiz Eduardo Jorge. Em seguida haverá um debate com os índios.

Na coordenação destes eventos está a Comunidade Indígena Mäkraré, uma associação fundada pelos Krahô há dois anos e através da qual, segundo o índio Hapuhl, eles procuram se organizar e lutar por seus interesses "sem recorrer ao paternalismo dos brancos". O show de ontem foi o primeiro passo concreto da Mäkraré - o antigo nome dado ao povo Krahô e que significa filhote de ema.

Atualmente, os dois mil índios que vivem nos 302 mil hectares do territó-

rio Krahô, localizado nos municípios de Itacajá e Goiatins (Tocantins), estão enfrentando graves problemas. Com as enchentes do final do ano passado e a seca do início deste ano, eles perderam 90% de suas lavouras - o que representa 80% da alimentação da tribo, sendo que o restante vem da pesca - e muitas crianças estão sofrendo de doenças como diarreias infecciosas e desidratação, que no mês passado levaram um indiozinho de um ano e meio à morte.

Os índios têm recebido ajuda de algumas instituições como as Universidades Católica e Federal de Goiás que enviaram medicamentos e uma equipe de saúde para as aldeias. Embora os Krahô neguem o recebimento de qualquer auxílio de órgãos oficiais, a Superintendência Regional da Funai alega que mantém dois funcionários em território Krahô e hoje, um indigenista parte para região acompanhado de um agrônomo. Eles vão fazer um levantamento das aldeias para a implantação de uma grande lavoura de mandioca. Segundo o superintendente substituto da Funai, Waldo Bittencourt, "até a colheita desta lavoura serão desenvolvidos projetos paliativos, para evitar que os índios tenham que comprar alimentos".